

O DELEGADO

RUBEM BRAGA

ISSO aconteceu há muitos anos, mas podia ter sido ontem. Certo secretário do interior de Minas recebeu pedido para remover um delegado de Polícia. O motivo era simples. Nomeado para um município do interior, muito distante, o delegado deixara sua esposa em Belo Horizonte; e lá se apaixonara perdidamente por uma jovem, filha de pessoa importante no lugar. O namôro desagradava a muita gente, e havia quem temesse que a coisa acabasse em tragédia.

Depois de pedir informações sobre a denúncia, o secretário mandou chamar à capital o delegado amoro-oso. Ele veio. Mas, um dia depois d'êle, chegou uma grande comissão de pessoas importantes do lugar. Essa comissão vinha pedir ao secretário que não removesse o homem. Era uma autoridade benquista na terra, um môço, direito, cumpridor da lei, muito correto, que se dava bem com todo mundo, mas sabia impor respeito etc... etc...

O secretário coçou a cabeça.

— Eu estava crente que os senhores queriam a saída d'êle...

Não, de maneira alguma. Pelo contrário, tinham feito a longa viagem expressamente para pedir que o rapaz voltasse. E da comissão fazia parte, sem dúvida alguma, a gente mais importante do lugar.

O secretário ponderou que tinha, na realidade, muito boas informações sobre o delegado. Por isso mesmo tinha pensado em removê-lo, como prêmio, para uma delegacia mais importante, mais próxima à capital. Mesmo porque — acrescentou — o rapaz era casado. Aliás... E fez menção ao caso que chegara ao seu conhecimento.

Agora os homens da comissão é que coçavam a cabeça. E se entreolhavam:

— É, doutor, mas... Nós viemos pedir para o sr. mandar o homem de volta. Aliás, o dr. Fulano já deve ter pedido...

O dr. Fulano era um figurão da política estadual. Sim, é verdade que pedira ao secretário para não remover o môço.

— Fulano me falou mesmo. E eu senti muito não poder atender. Expliquei o motivo, e êle acabou achando que era mesmo melhor para o rapaz e para todo mundo que êle fôsse removido.

— Mas, dr., não tem nenhum jeito mesmo, não?

— Os srs. vão me desculpar, mas eu prefiro mandar êsse homem para outra delegacia. Não quero ser responsável pelo que possa acontecer se êle voltar para lá.

Então o mais velho da comissão, um fazendeiro, depois de olhar os outros, deu um suspiro.*

— Então o sr. não manda mesmo o rapaz de volta, doutor?

— Já expliquei aos senhores que não.

Um grande suspiro coletivo de alívio.

— Muito obrigado, doutor! Disso é que nós queríamos ter certeza...

O secretário não percebeu imediatamente:

— Mas como? Os senhores não me vieram pedir para êle ficar?

— É, doutor, o senhor compreende... Nós sabíamos que o dr. Fulano tinha falado com o sr. Lá todo mundo achava que por causa disso o sr. ia deixar o homem no lugar. Então nós achamos melhor pedir a mesma coisa, porque êsse rapaz anda muito desconfiado com nós todos. Se êle voltasse achando que nós tínhamos sido a favor da remoção, seria pior. O sr. compreende, dr., êle é um môço muito direito, mas é meio violento, quero dizer, é meio estourado, e ainda por cima está muito desorientado com êsse tal namôro, de maneira que ia chegar lá com raiva de nós...

DN 1.5.49

e
DN 17.6.67

17.6.67

290